

**O DIA DA TRIPLA
CATÁSTROFE:
PRIMEIROS
RELATOS**

RUI TAVARES

Bloqueado pela impossibilidade de descrever o Grande Terramoto, um autor defendia-se escrevendo que “tanto destroço mais se sente, que se explica”. Assinava com o nome de José de Oliveira Trovão e Sousa e escrevia a partir de Coimbra – com base em testemunhos secundários da catástrofe – uma *Carta em que hum amigo dá noticia a outro do lamentável successo de Lisboa*, um dos primeiros folhetos de uma extensa série provocada pelo Grande Terramoto. Apesar de escrever poucas semanas depois do acontecimento, o seu principal problema, que nós partilhamos, era colocar-se no lugar das vítimas directas da calamidade. Para contornar esta circunstância usou de um recurso que normalmente se aconselha aos jovens escritores: lançar mão daquilo que se conhece. No caso, o teatro.

Como pretende Vossa Mercê lhe descreva eu huma tragedia, em que era huma das figuras da representação, sabendo muito bem, que os que estão dentro da scena, não lograõ tambem o enredo, as vistas, e as mutaçoens do theatro?

É uma metáfora notável, jogando sob o duplo sentido da palavra tragédia como coisa vivida e coisa representada. Em Lisboa tivera então lugar uma tragédia, mas com a diferença fundamental de que tudo estava *dentro* da tragédia. Não havia lado de fora de onde apreciar a intriga ou as personagens. Os actores sabem quando vai acabar o acto ou quando muda o cenário. Aqui, nota o autor, quem está do lado de dentro não sabe para onde vai o enredo e não consegue ver os limites do palco nem adivinhar “as mutaçoens do theatro” – que no caso era uma cidade inteira, com os seus edifícios e ruas.

Trovão e Sousa não foi o único autor de Coimbra a usar a metáfora do teatro para conseguir, ao menos, entender indirectamente o que se tinha passado na capital do reino. Outro folheto sobre o Grande Terramoto intitulava-se nem mais nem menos do que *Theatro Lamentavel, Scena Funesta: Relaçam Verdadeira do Terremoto*. O carácter descontrolado, obsceno, da catástrofe natural era de tal forma desmesurado que só podia

ser abarcado por intermédio da cenografia controlada das tragédias que entusiasmavam os próprios lisboetas na dezena de teatros que tinham à sua disposição.

Temos agora todas as personagens em cena, nos seus lugares, esperando o golpe violento do destino. Esperar talvez seja uma palavra mal empregue. Nós sabemos o que lhes vai suceder; mas elas não. Vimos como as missas matinais do dia de Todos-os-Santos eram apenas mais um nó de uma espécie de ciclo interminável, sossegado e repetitivo, que corria o ano inteiro, feito de dias santos, beija-mãos à família real, chegadas e partidas de barcos, festas, touradas, dias de trabalho, refeições, adormecer e despertar. A vida de cada indivíduo até poderia de vez em quando ser sacudida bruscamente, mas vista de longe parecia homogénea e interminavelmente monótona.

O dia, que amanheceu límpido, estava morno e agradável. O rei, a rainha e os príncipes estão no Paço Real de Belém, onde receberão mais tarde os ministros, os embaixadores, os prelados e membros de tribunais para a missa. Jácome Ratton, comerciante da comunidade francesa, está no seu gabinete de negócios. Madrugou, foi a uma das primeiras missas de Todos-os-Santos e pouco depois das nove da manhã já estava de regresso a casa. Sebastião José de Carvalho e Melo está no Palácio dos Carvalhos, à Rua Formosa – hoje Rua d’O Século, mas na altura mais conhecida por ser perto dos bordéis do que pelo palácio do futuro Marquês de Pombal. Um membro da comunidade inglesa, comerciante, encontra-se sentado a uma escrivaninha no seu quarto, num dos andares superiores da sua casa da Baixa. No Beco das Mudanças um outro inglês, mercador de vinhos, está ainda de camisa de dormir, cavaqueando amenamente com dois amigos portugueses, os irmãos José e Francisco Alves. Nas águas-furtadas de um prédio na Rua das Pedras Negras, perto da Sé, um jovem de 26 anos – feitos nesse mesmo dia – dirige-se de chave na mão para abrir um armário. O embaixador de Espanha, Conde de Peralada, está na sua residência com os criados e o único filho, preparando-se para ir visitar a família real a Belém.

As ruas da cidade estão já cheias de gente. A multidão aperta-se nas ruas da Baixa – como a Rua da Betesga, então estreitinha mas comprida, encostada à parede do hospital de Todos-os-Santos, até chegar ao Rossio. Para muitos fiéis católicos, é dia de rodar as capelinhas, visitando as igrejas de cada santo. Descem pela Rua dos Ourives do Ouro, desde o Rossio

até à Igreja de São Julião; avançam pela Rua dos Mercadores ao sair da Igreja de São Julião até à Igreja da Conceição; e depois sobem pela Rua da Cutelaria, entre as igrejas de São Nicolau e Santa Justa, num trajecto que se prolonga depois pela Rua dos Vinagres afora, até à Igreja de São Mateus – de onde depois poderão apanhar a Rua da Betesga e regressar ao Rossio. Todos esses templos lotados se encontram primorosamente decorados e iluminados com os seus candelabros, velas e tochas.

Pouco depois das nove e meia da manhã o barómetro marca 27 polegadas e sete linhas; o termómetro de Réaumur assinala 14 graus acima do gelo. O vento chega fraco, de nordeste.

Ouviu-se um ruído cavo e grave – “rugido tão medonho como o de hum espantoso Trovão” – e em simultâneo a terra tremeu. De imediato sentiu-se uma vibração apenas suficiente para fazer dançar as folhas de papel em cima de uma mesa, mas de contínuo aumentou “com tão violento, e estranho moto [= movimento], que logo indicou não ser puramente tremor”. Objectos maiores caíram das prateleiras, molduras e crucifixos pregados às paredes balançavam como se fossem barbatanas de um peixe fora de água – “the frames flapped against the wall”, descreveu uma testemunha inglesa. Os próprios edifícios começavam já a balançar para trás e para diante. A terra vibrava como se fosse atravessada por uma onda, disseram depois várias testemunhas – e muito correctamente, uma vez que o sismo é de facto uma onda de energia.

De que tipo de onda se tratava exactamente? Escreveu-se que foi “a terra abalada por diferentes figuras, já se via concussa, elevando-se, e deprimindo-se, já inclinada para huma, e outra parte, como costuma ver-se hum navio nas ondas”. Houve quem discordasse, defendendo que o abalo tomou “sómente a figura de huma undulação, e tremor violento, e não de concussão, ou succussão, sem aquellas retumbantes, e horrissonas concussões, elevações, depressões e inclinações”. Parecia evidente, contudo, que a onda sísmica vinha de sul, porque os edifícios se inclinavam num eixo sul-norte, e a descrição de que oscilavam como mastros de um navio numa tempestade parece fidedigna, pelo menos pela recorrência com que testemunhas oculares usam esta imagem para descrever o que se passou.

O comerciante inglês que se encontrava à escrivania sentiu imediatamente o choque. Os móveis tremiam e objectos diversos caíram logo nos primeiros segundos de sismo. Conseguiu chegar-se à janela e espreitar o que acontecia na rua. Segundo o seu testemunho – publicado

em Londres sob o formato de folheto e intitulado *Uma descrição particular do recente e horrendo terramoto em Lisboa* – foi então que viu cair parte do edifício em frente à sua casa. As paredes ruíram por cima de duas pessoas que passavam e que morreram logo ali. “That was bad enough”, escreve o comerciante, mas o pior estava para vir. “Não passava um minuto», garante, “e via minha Mulher e Filha (que tinham corrido porta fora ao primeiro choque) serem enterradas vivas pela derrocada da parte restante do mesmo prédio” do outro lado da rua.

Aparentemente os edifícios começaram a ruir a partir do segundo minuto de sismo. O vaivém das paredes tinha deixado os telhados sem sustentação. As telhas caíam, e depois delas os travejamentos e tudo o que neles estava suspenso, incluindo os candelabros acesos das igrejas. A queda dos telhados matou, feriu ou imobilizou imediatamente grande parte dos fiéis que se encontravam nas igrejas – além de por vezes lhes ter tapado as saídas – enquanto as chamas dos candelabros se propagavam rapidamente às madeiras. Nas ruas, as pessoas eram atingidas por pedaços de revestimento, telhas soltas, até varandas e paredes inteiras.

Diz-se que trinta segundos de abalo sísmico parecem, à pessoa que os vive, intermináveis. Mas vieram trinta segundos e passaram trinta segundos, e mais trinta e mais trinta. A determinada altura o abalo deteve-se por um pouco, permitindo uma certa respiração aos lisboetas. Mas esta interrupção, e mesmo uma segunda, duraram apenas alguns segundos. O regresso dos abalos era mais forte ainda e a reacção das pessoas, que no primeiro embate parece ter sido mais de espanto, deve ter passado rapidamente ao pânico. O que se passava afinal? Os sismos fortes em Lisboa não eram tão comuns que permitissem a uma geração ter disso memória recente. Havia, evidentemente, uma reminiscência colectiva do terramoto de 1531 – o *outro* grande terramoto de Lisboa –, mas 1531 estava a uma distância quase tão grande como a que nos separa de 1755. O terramoto de 1531 tinha sido coisa do tempo dos avós dos avós dos avós dos lisboetas de 1755.

O terramoto durou mais de sete minutos, com duas curtas paragens. Esta é uma estimativa de compromisso: existem testemunhos que dão como duração do terramoto dez ou quinze minutos; a maioria aponta para abaixo de dez minutos. Há quem garanta apenas uma interrupção ou até quem não se refira a nenhuma; seja como for, as paragens devem ter sido muito breves, porque todos se referem a este sismo como tendo

sido apenas um (ocorreram, contudo, réplicas durante o resto do dia e os abalos sísmicos passaram a fazer parte do quotidiano nos meses e até anos seguintes).

Já não há acordo, contudo, sobre o tempo por que se prolongou o ruído de trovão durante o sismo, mas testemunhos aparentemente fiáveis dizem que ele se fez sentir apenas durante o primeiro minuto, sendo depois substituído pelos estrondos das quedas de mobiliário, telhados, paredes e edifícios inteiros – sempre acompanhados pelos gritos da população. A derrocada dos edifícios levantava ondas de poeira em seu redor. Essas nuvens tapavam o sol, tornavam o ar irrespirável, e cobriam já uma grande parte do centro da cidade, “uma cerração tão forte que parecia querer sufocar todos os viventes”.

O primeiro choque – de entre dois a três minutos? – teria sido suficiente por si só para provocar danos excepcionais. Através da poeira, os sobreviventes puderam observar durante a breve interrupção que ruas inteiras tinham deixado de existir: todos os edifícios de determinadas áreas estavam por terra. A pausa não deu para mais do que tentar encontrar os sobreviventes mais à mão. Não houve tempo para começar a procurar haveres ou verificar o estado em que tinham ficado as habitações das vítimas. O segundo e o terceiro choques provocaram um tal pânico que muitas pessoas deixaram sequer de prestar atenção aos efeitos físicos do terramoto. Muitos acreditavam, certamente, que era chegado o fim do mundo – e há disso testemunhos incontáveis.

Todos desejavam apenas ver o fim daquele tormento e pouco tempo depois já declaravam desejar somente esquecê-lo:

nós os peccadores somos como os navegantes, que chegam destróçados a hum porto com huma tormenta, e tanto que serenaõ os ares, e passa o perigo logo se esquecem dos naufrágios.

Não conseguem apagar, por mais que tentem, a lembrança dos pais e das mães que abandonaram filhos durante a catástrofe, e de maridos que abdicaram de salvar as “mais fieis esposas”. Este é outro tema dos testemunhos presenciais, mais marcante por vezes do que o choque em si: a verdade que tinham presenciado e “que ainda hoje magoa”, “esquecerem-se os Pais, e as Mães de seus amados filhos”. “Tanto póde o amor próprio”, exclama um mesmo autor, extraindo as consequências morais daquilo a

que assistira: “Aqui se vio com experiencia quam falso he o encarecimento dos que affirmão quererem mais ao objecto amado, que a si próprios”. Havia algo pior do que o terramoto ter destruído casas e haveres, na verdade pior até do que a morte. Uma morte repentina, sem possibilidade de extrema-unção, é naturalmente um dos grandes medos deste tempo. Mas apesar de tudo a morte é um destino esperado e aceite da vida. Mais terrível do que a morte é ser a humanidade posta a nu nas suas aspirações a uma vida virtuosa e caritativa. Num lance semelhante, os indivíduos abandonam-se uns aos outros e pensam apenas na sua própria salvação:

E assim ha de ser, porque os Pais querem bem aos filhos por serem pedaços da alma, ou (para melhor dizer) partes do seu corpo, e os consortes amaõ a suas esposas pela uniaõ á sua carne, e necessariamente, segundo o axioma Filosófico, como todos por amor de si amaõ a outrem, mais se hão de amar a si propios.

O facto de as consequências do terramoto terem confirmado uma visão pessimista da natureza humana é, pois, o que mais impressiona alguns autores, entre eles, António dos Remédios, numa *Reposta à Carta de Jozé de Oliveira Trovam e Souza*:

Quando ha peste ainda não falta quem assista aos enfermos com o risco de ficar contagiado, quando ha fome tambem ha quem se prive do alimento para acudir ao faminto; quando ha guerra não falta quem arrisque a vida própria por salvar a do amigo, Pay, ou parente; mas na ocasião do terremoto se verificou aquelle adagio atéqui pouco verdadeiro, de que não ha Pay por filho, nem filho por Pay.

Há algo neste parágrafo que merece uma paragem para um comentário breve, porque aquilo que ele tenta de forma muito resumida é avançar com uma hipótese de explicação para estas atitudes egoístas – no sentido mais próprio de “preservação do eu”. E, mais notável ainda, essa explicação radica na própria natureza do terramoto enquanto catástrofe diferente de todas as outras, catástrofe pura porque catástrofe descontextualizada.

Em todas as outras ocasiões das misérias humanas há quem mostre o pior, mas também o melhor, da nossa natureza. Na peste, na guerra, na fome, há quem se coloque em risco para ajudar o próximo; no

terramoto, não. Mas o que todas as outras calamidades têm de comum entre si, e de distinto do terramoto, é serem prolongadas no tempo, ou melhor: é terem um contexto. Num contexto é possível fazer escolhas. Mas o sismo chega de repente; não se sabe que vai começar nem quando acabará – e os mesmos crentes com o coração cheio de amor caridoso que se encontravam na missa momentos atrás tiveram então de fazer as suas escolhas munidos apenas do mais básico dos seus corpos e consciências – e não de sistemas morais desenvolvidos durante milénios ou descritos com filosofia rebuscada. É essa a diferença, e por isso o terramoto é tão verdadeiro: revela os humanos despidos de cultura, que é o seu contexto.

A resposta humana ao sismo foi um dos grandes motivos de admiração entre sobreviventes, descendo ao detalhe de uma impressionante descrição fisiológica das reacções de pânico durante aqueles minutos.

Os homens mais palidos, que os mesmos cadáveres fiando sua vida aos seus pés, vagavaõ loucamente sem acertar caminho no seu descanço. Palpitavaõ-lhe as arterias, e parecia poderem-se-lhes numerar os alentos da boca na velocidade dos passos. Alguns cobrindo com hum pedaço de lençol a desnudez, saltavaõ do leito, buscando lugar de refugio, para não achallo ja mais. Qual desesperado dos auxilios do proximo, outro alivio não achava, mais que entregar-se nas mãos do precipicio, abrindo a boca para beber a morte.

Já para António dos Remédios, que antes vimos tão chocado pelos efeitos morais e psicológicos do terremoto, também as mudanças de comportamento e fisionomia ocorridas no auge da catástrofe (de que parece ter sido testemunha ocular) impressionaram. Segundo ele, o que ocorreu não foi menos do que uma metamorfose:

O que também foy certo, e muito para admirar era a transformação dos semblantes, pois me sucedeo a mim a poucos passos desconhecer as pessoas com que tinha estado pouco antes: os que eraõ mais especiosos, corados, e robustos se fizeraõ enormes, esqualidos, e timidos, de maneira que a côr dos rostos não era só cadaverica, mas também à palidez accrescentava hum tal espanto nos olhos, que pareciaõ todos humas almas em pena com os cabelos erriçados, as

vozes trémulas, e os passos sim velozes para a fuga, mas pouco firmes para a segurança.

Depois de tudo ser dito, depois de serem tentadas todas as descrições, explicações e metáforas, o mais notório é que os autores se repetem sobre a insuficiência das palavras para descrever a catástrofe: “Que expressões serão bastantes para explicar a confusa desordem, o triste labirinto, e o espantoso susto do mais infeliz, e inopinado acontecimento?”, diz Trovão e Sousa, acrescentando:

Como pódem vivamente descrever-se as ancias, e affliçoens, que lastimosamente, cada individuo sentia em si proprio? Como pódem pintar-se os suspiros, e agonias de tantos, que entre as ruinas esperavaõ dar por instantes os ultimos alentos? Como pódem? Eu confesso que he quasi impossivel. Espectaculo taõ lastimoso, objecto taõ infausto, horror taõ formidavel não se explica, nem descreve, nem se pinta, só se sente.

Quando o abalo se suspendeu, os lisboetas ficaram atarantados pela cidade, perdidos uns dos outros. Alguns procuravam os seus parentes ou haveres, outros ainda não tinham compreendido completamente o que havia sucedido. As nuvens de poeira continuavam a dificultar a visibilidade. De uma parte da cidade não se via a outra, do próprio alto do Castelo não se conseguia distinguir os detalhes da destruição na Baixa. É possível, também, que alguns incêndios estivessem já ateados, embora não houvesse ainda informação sobre eles. O grande pânico dos incêndios ocorreria umas horas depois. Para já, os lisboetas parecem ter pensado que o pior tinha passado – se é que conseguiam pensar em alguma coisa. Muitos desceram até à ribeira, ao Tejo e às suas praias. O nível do mar estava abaixo do normal na maré baixa. Houve até quem escrevesse, mais tarde, que se tinha visto o fundo do rio.

Estas condições não ajudam a ter grandes certezas sobre o maremoto e as ondas *tsunami* que atingiram Lisboa. Nem toda a gente se encontrava junto ao rio, e os que não se encontravam parecem não ter tido contacto visual com as ondas, embora tenham por vezes participado de correrias colectivas, em fuga das ondas reais ou de simples rumores. Veremos mais à frente como para os sobreviventes que ficaram cercados no Terreiro do Paço o temor de uma onda que os submergisse a todos era constante.

Sabemos certamente que o maremoto provocado pelo deslocamento do fundo marinho no epicentro foi sentido inequivocamente pelos navios em alto-mar. Meia hora depois do sismo já um *tsunami* de cerca de quinze metros de altura fizera enormes estragos nas costas marroquina, andaluza, algarvia e alentejana. Certas cidades algarvias, como Lagos, Portimão e Faro, foram mais danificadas pelo *tsunami* do que pelo terramoto, embora se encontrassem também perto do epicentro. Em Albufeira, parte da população foi arrastada para o mar. Em Lagos, as ondas destruíram muralhas e partes de fortalezas, mas foi na cidade andaluza de Cádiz que os efeitos das ondas foram mais notados, uma vez que a cidade se encontra ligada ao continente por um istmo que foi completamente varrido pelas águas.

A parte central de Lisboa encontra-se semirresguardada de fenómenos deste tipo pelo formato da embocadura do Tejo. Apesar de tudo, quando a onda gigante chegou à capital do reino tinha ainda seis metros de altura, o que foi suficiente para causar estragos consideráveis. Arrastou consigo um grande número de embarcações. Recordemos que num dia comum o porto de Lisboa contava com entre a meia centena e a centena de navios de grande porte, aos quais se deveriam juntar embarcações menores, botes, etc. Toda essa madeira, inteira ou despedaçada, deve ter entrado pelas ruas da cidade, principalmente nas freguesias de São Paulo, mais baixas e expostas ao rio, rangendo e estalando à passagem.

Quando a onda regrediu deixou estes desperdícios que mais tarde serviriam de combustível para as chamas. E quem se encontrava por perto não teve tempo para recobrar o fôlego. Passado um par de minutos, outra onda chegou e se abateu sobre a parte ribeirinha da cidade. Desta vez não só trouxe destroços de navios e destroços de destroços provenientes da própria ruína da cidade, como levou consigo embarcações que se encontravam ancoradas ou mesmo em terra firme e que desapareceram quando esta onda regrediu.

Segundo alguns testemunhos, a maré subiu e desceu por três vezes em pouco mais de cinco minutos, e o mar continuou alterado depois disso (o termo maré é utilizado para descrever a visão rara de uma parede de água avançando sobre a cidade). Não se sabe quanta gente morreu, em Lisboa, por acção das ondas *tsunami*, nem até que ponto da cidade penetraram as águas. Na Baixa, o casario encontrava-se mais ou menos protegido pelas obras da Alfândega, que tinham levantado um paredão entre o

rio e o Terreiro do Paço. Mas aqui, o Cais da Pedra, uma construção recente e sólida feita de blocos de mármore unidos por ferros, foi dado como engolido pelas águas, tendo desaparecido com algumas centenas de pessoas que sobre ele se encontravam. É um dos mistérios deste dia. Moreira de Mendonça, autor de uma *História universal dos terremotos*, desacreditou a história, muito referida pelos sobreviventes, de que o Cais tinha sido engolido sem deixar rasto. Pode ser verdade que muita gente que ali estava tenha sido arrastada pelas águas, embora se tenham encontrado poucos corpos.

Até ao *megatsunami* de 2004 seria difícil acreditar em alegações exageradas sobre a força destas ondas. Hoje sabemos que uma onda de seis metros avança até encontrar oposição ou altitude superior. No caso de Lisboa, o maremoto e as ondas *tsunami* que dele resultaram fizeram os seus estragos principais na margem que vem desde Belém até à Rocha do Conde de Óbidos, em Santos-o-Velho, e daqui até à freguesia de São Paulo. Pereira de Figueiredo afirma que as ondas penetraram até cinco estádios (*ca.* 1 km) no interior da cidade. Nesta face da cidade, menos resguardada no estuário – e que, como vimos, era bem mais próxima do rio do que hoje em dia – a onda terá varrido toda a zona ribeirinha, arrastando com ela pessoas, embarcações e detritos. Só escapou quem correu para lugares altos e especialmente quem, por se encontrar a cavalo, pôde galopar para longe da onda gigante.

Ao fim da manhã os incêndios tornaram-se a preocupação principal. Escreveu-se que o palácio do Conde de Castelo Melhor foi o primeiro a arder. Segundo outros autores, a Igreja de São Domingos começou a arder imediatamente após o Terramoto. Os incêndios tiveram principalmente duas origens: por um lado os lustres, candelabros e eventualmente archotes que estavam acesos no interior das igrejas; por outro, os fogões das casas e dos palácios. “Muita gente morreu por se abrasar nas chamas”, ou no início imediato dos fogos, ou quando as chamas os encontraram encurralados nas ruínas, meio soterrados, presos, feridos.

Muitos edifícios arderam completamente. Praticamente toda a Baixa de Lisboa foi afectada. A fronteira do fogo ia de Alfama, passando junto à Sé, abarcando toda a zona baixa, incluindo a ribeira, e prolongando-se até ao Bairro de São Paulo. Para o interior da cidade, a fronteira do incêndio passava pelo Rossio, incluindo o Hospital de Todos-os-

Santos – onde se deram como mortos os quatrocentos internados – e os calabouços da Inquisição, que já tinham sido destruídos pelo abalo. Praticamente todos os testemunhos directos da tripla catástrofe do dia confirmam que o incêndio foi, em si, ainda mais destrutivo do que o terramoto propriamente dito. Edifícios como o Paço Real, a Ópera do Tejo e a Igreja Patriarcal foram na verdade devastados e inutilizados pelos incêndios.

No início deste capítulo deixámos diversas personagens suspensas, na ignorância do que lhes estava para acontecer. A família real, em Belém, escapou sem danos físicos. O trauma psicológico foi grande; muito se tem ridicularizado Dom José por não ter desejado reconstruir o Paço da Ribeira e ter vivido nos anos seguintes em luxuosas tendas, a célebre Real Barraca da Ajuda. Deve assinalar-se que Dom José I não foi o único a reagir assim; a fobia aos edifícios sólidos parece ter sido uma quase epidemia nos anos seguintes. A maior parte dos sobreviventes não teve pressa em regressar às suas casas e preferiu ficar pelos campos, uma atitude compreensível se pensarmos que as réplicas do sismo ocorriam diversas vezes por dia, às vezes com muita intensidade. Mesmo um autor circunspecto como o italiano Bento Morganti – que assinava como José Acúrsio de Tavares em *Verdade Vindicada*, um folheto exclusivamente dedicado a corrigir os exageros do nosso já conhecido Trovão e Sousa – faz questão de deixar claro que não desejava voltar a morar em casa de paredes sólidas a não ser que a isso fosse forçado “pela mais nímia necessidade temporal ou espiritual”.

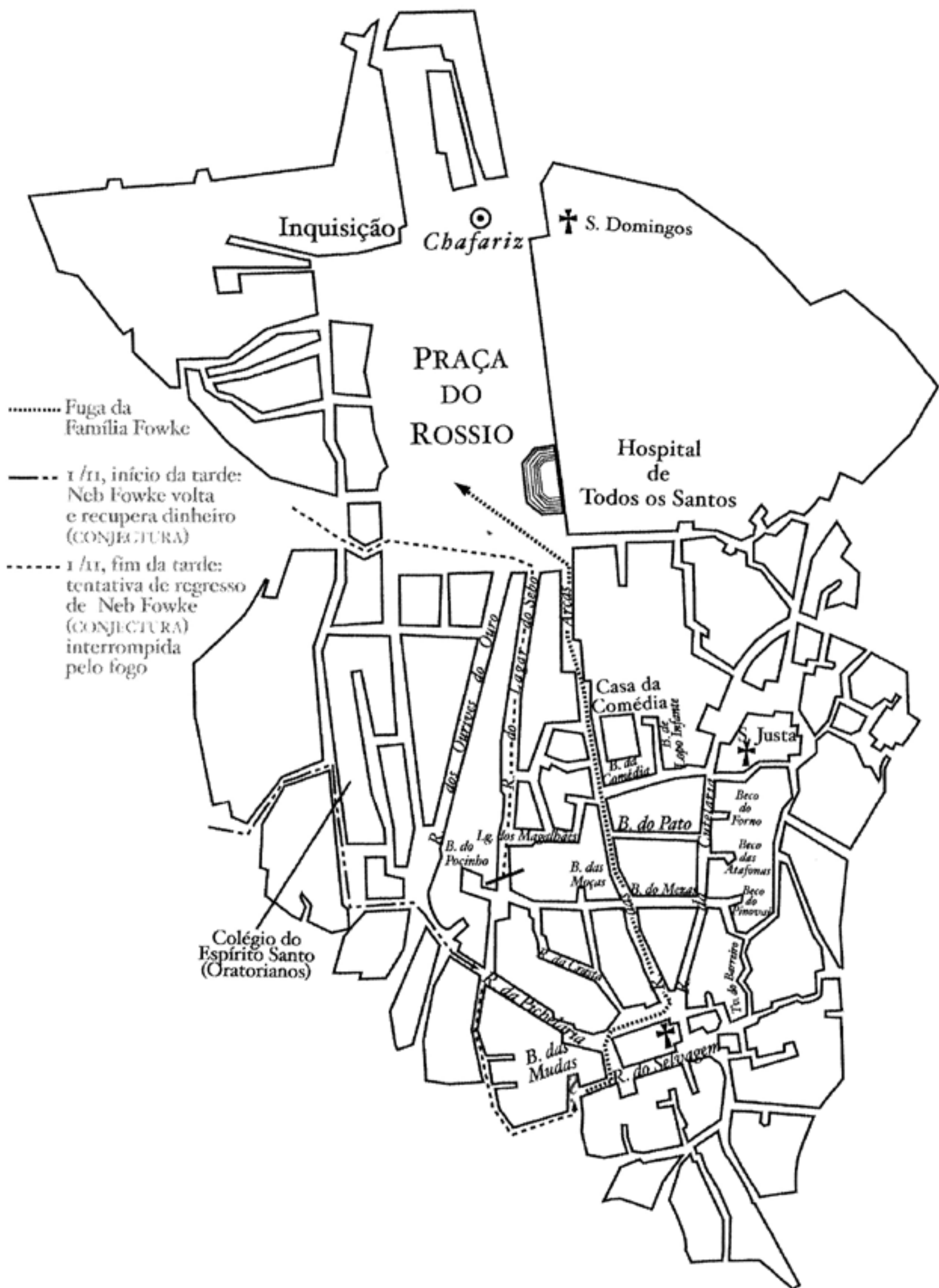
Deixámos Sebastião José de Carvalho e Melo no seu Palácio dos Carvalhos, que nada sofreu com o abalo, o que não deixou de ser lamentado mais tarde pelos seus rivais políticos. Também os bordéis da Rua Formosa escaparam sem dano ao sismo – um dado perturbante para as consciências devotas que viram tantas igrejas destruídas pelos incêndios. Jácome Ratton escapou também e sobreviveria até ser um dos mais importantes negociantes e industriais do pombalismo – as suas memórias são uma das fontes mais importantes para este período. Poucas “pessoas de qualidade”, como se dizia, pereceram. A grande excepção foi o Conde de Peralada, embaixador de Espanha, esmagado pela queda do brasão da sua própria casa; o seu filho viria a ser adoptado pelo embaixador de França. O jovem de 26 anos que suspendemos nas águas-furtadas de um prédio da Rua das Pedras Negras terá direito a um capítulo quase só para ele.

Abandonámos também um mercador de vinhos inglês conversando com dois amigos portugueses na sua casa do Beco das Mudas, bem perto da Igreja de São Nicolau. Era conhecido por Mr. Fowke e vivia em Lisboa com a sua extensa família há já vários anos. Na casa do lado, morava a família do seu irmão Joseph que se encontrava de momento em Londres, cuidando de negócios. É por essa circunstância que chegaram até nós as informações da carta que o Fowke de Lisboa escreveu ao seu irmão em Londres, e que foi prontamente publicada para informação do público inglês.

As famílias de Mr. Fowke e do seu irmão Joseph sobreviveram ao primeiro abalo sísmico e conseguiram reunir-se no piso térreo da casa de um vizinho, juntamente com um dos portugueses, José Alves. Durante a primeira pausa do sismo aperceberam-se de que o irmão de José, Francisco Alves, tinha morrido na fuga, bem como a mulher e o filho pequeno de Mr. Morrough, o dono da casa onde se encontravam refugiados. A terra voltou a tremer e o grupo de sobreviventes observou com ansiedade que o seu prédio oscilava “para trás e para diante como o mastro de um navio na tormenta”.

O grupo de sobreviventes encontrava-se no rés-do-chão da casa de Mr. Morrough, praticamente todos eles escoriados, molestados e empoeirados, mas sem ossos partidos. Eram pelo menos nove adultos e diversas crianças e adolescentes. A poeira começou a assentar e Mr. Fowke não conseguia fazer sentido do que estava a ver: “não havia mais Ruas – as Casas e as Ruas tinham vindo abaixo”.

A primeira reacção foi caminharem até ao Largo de São Nicolau, que por assim dizer estruturava a vida do bairro. Para lá chegar tiveram de escalar um monte de entulho e então viram que a igreja da paróquia estava totalmente destruída e ardia ainda. Uma multidão de gente gritando “Misericórdia! Misericórdia!” enchia o largo; alguns deles morriam; um grupo de padres confessava e dava a extrema-unção aos que se encontravam ainda vivos. O grupo de sobreviventes contornou a arruinada igreja de São Nicolau e avançou pela Rua das Arcas acima, em direcção ao Rossio. Além deles, certamente milhares de pessoas ansiavam por chegar à praça mais larga do interior da cidade – e escapar para os campos. Os Fowke perderam-se uns dos outros no meio da confusão.

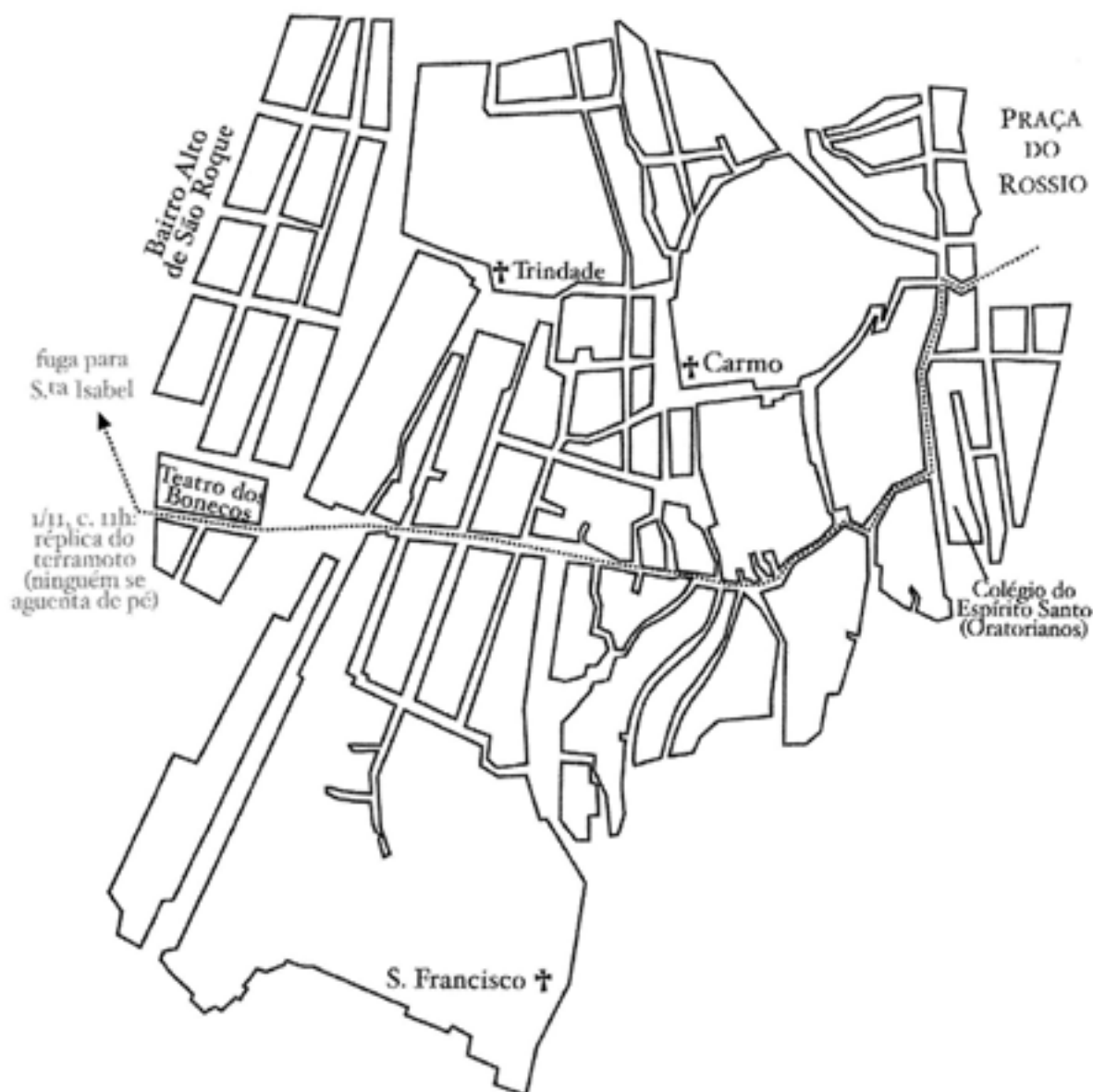


- Fuga da Família Fowke
- 1 / II, início da tarde: Neb Fowke volta e recupera dinheiro (CONJECTURA)
- . - . 1 / II, fim da tarde: tentativa de regresso de Neb Fowke (CONJECTURA) interrompida pelo fogo

Ao chegar ao Rossio, o autor da carta deparou-se com o mesmo tipo de cena que vira no Largo de São Nicolau, mas em escala maior:

[... as cenas de horror tinham-se duplicado, e não as consigo comparar a nada mais senão à Ideia que tinha formado na minha Juventude dos Pecadores miseráveis implorando Misericórdia a Deus no último Dia: e a isto devo acrescentar os inúmeros Sujeitos à nossa volta que faleciam Gemebundos e Miseráveis – quando cheguei ao meio do Rossio, parei e não vi ninguém comigo senão a minha Mulher, o Neb e a senhorita Lester.]

Este Neb, um dos filhos de Mr. Fowke, descrito como “um rapaz valente, corajoso e de valor”, é mandado refazer o caminho e voltar com o resto da companhia. O grupo refeito decide subir em direcção ao Convento do Carmo, que também ruíra, e ao Bairro Alto, onde contornou o célebre Teatro dos Bonecos, em cujo palco se tinham representado, tocado e cantado as peças de António José da Silva, o Judeu, e muitas outras ao longo da primeira metade do século. Quando se encontravam nas traseiras do teatro, ocorreu um novo tremor de terra cuja força os derrubou – “deitámo-nos ou ajoelhámo-nos, não conseguíamos manter-nos de pé”.



Depois de se levantarem, contornaram a colina do Bairro Alto até atingir a Igreja de Santa Isabel, entre os actuais bairros do Rato e de Campo de Ourique. No largo da igreja e em frente à casa do Coronel Carlos Mardel, engenheiro militar e arquitecto de origem húngara há muitas décadas radicado em Portugal, viram “novas cenas de miséria”. Mr. Fowke deu-se conta de que não trazia consigo dinheiro algum. Pediu a Neb que fizesse o caminho de volta; este teve de regressar à parte baixa da cidade, pejada de ruínas, cadáveres e feridos – “correu alegremente todos os riscos e cerca de uma hora depois trouxe-me 350 mil réis que consegui encontrar na minha escrivania”. Entretanto, devia já passar do meio-dia. À tarde, Neb e dois moços foram enviados de novo para ver se podiam salvar alguns dos pertences da casa do Beco das Mudanças, mas o acesso foi impossibilitado pelas chamas que consumiam a Baixa. Quando caiu a noite todos os refugiados em frente à Igreja de Santa Isabel puderam ver o céu colorido pelos incêndios que consumiam o centro de Lisboa. Mr. Fowke sentiu frio. Desviando a atenção da “cidade inteira em chamas”, deu-se então conta de que, tal como às nove da manhã quando conversava com os amigos – um dos quais lhe morrera da forma mais inesperada –, continuava em camisa de dormir e chinelos de quarto. Reprodução integral do quarto capítulo d’ *O pequeno livro do Grande Terramoto: Ensaio sobre 1755* (Lisboa: Tinta-da-China, 2017. 3ª Reimpressão).

RUI TAVARES (1972) é escritor, tradutor e historiador. Formou-se em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, em Ciências Sociais pela Universidade de Lisboa e em História e Civilizações pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. Publicou, entre outros, *Esquerda e direita: Guia histórico para o século XXI* (Lisboa: Tinta-da-China, 2015) e *O censor iluminado: Ensaio sobre o pombalismo e a revolução cultural do século XVIII* (Lisboa: Tinta-da-China, 2018).